

A full-page background image of Harley Quinn from the movie 'Birds of Prey'. She is wearing her signature pink and black outfit, a clear leather jacket, and a tinsel cape. She has her blonde hair in pigtails and is holding a mallet over her shoulder. The background is a dark, stylized city street with blue and purple lighting and falling confetti.

CULT
DE CULTURA

COLÓQUIO
NACIONAL EM
ARTE SEQUENCIAL
E CULTURA POP

8 A 10
OUTUBRO
2020

FACULDADES
EST

POP!

CADERNO DE RESUMOS



A NARRATIVA NO JORNALISMO EM QUADRINHOS: UMA ANÁLISE DO PAPEL DE GUY DELISLE COMO PERSONAGEM E NARRADOR EM *PYONGYANG*

Nara Rattes de Melo³⁰

A aproximação entre literatura e jornalismo teve início nos periódicos da Europa do século XIX e selou uma conexão que permitiu que os recursos e características de narrativas literárias se fundissem aos conceitos dos textos jornalísticos, possibilitando o surgimento de um gênero híbrido – o jornalismo literário. Não tardou para que os quadrinhos, que já eram encontrados nesses jornais, passassem também a ter finalidades jornalísticas (DUTRA, 2003), aproveitando-se, além das inúmeras e inerentes possibilidades das narrativas visuais, das características presentes no texto do jornalismo literário.

Híbridos por natureza, as histórias em quadrinhos têm composição complexa, absorvem novas técnicas e linguagens, desenvolvendo características próprias (PAIM, 2013). Por sua vez, o jornalismo literário também é adaptável e se atualiza sempre, modificando-se de acordo com o que a sociedade espera de um texto de não ficção. Porém, há características fundamentais ao gênero, devido a seu cunho de responsabilidade social e pautado na verdade, apesar de toda a liberdade concedida a seus autores, sendo: *exatidão e precisão; contar uma história; humanização; compreensão; universalização temática; estilo próprio e voz autoral; imersão; simbolismo; criatividade e; a responsabilidade ética* (LIMA, 2009).

A literatura de não ficção busca compreender a realidade a partir de instrumentos que se modificam ao longo do tempo, criando possibilidades de visão para seus escritores (LIMA, 2009). Desta forma, uma característica que se tornou presente nestas narrativas é a inserção do autor como personagem e narrador em seu texto, fornecendo-lhe liberdade para contar a história exatamente como a presenciou. Assim, a partir da análise de categorias referentes ao personagem e o narrador na literatura – a partir de Reuter (2002) e Leite (1985) – e do estudo das características do jornalismo literário – com o proposto por Lima (2009) – e dos quadrinhos jornalísticos – baseado em autores como Dutra (2003) e Paim (2014) –, a pesquisa busca compreender como se porta o autor, personagem e narrador, em *Pyongyang – uma viagem à Coreia do Norte*, de Guy Delisle.

Comparado ao jornalismo factual, o jornalismo literário permite que sejam entregues ao leitor obras de maior permanência, buscando uma compreensão mais voltada à razão do que pela emoção instantânea gerada pela notícia factual. Isso se dá devido à possibilidade de elaboração lenta, que fornece ao escritor chance de aprofundamento, o que também é uma necessidade do quadrinista, cujo trabalho exige tempo e imersão. Desta forma, o livro-reportagem e os quadrinhos jornalísticos possuem recursos dissertativos e descritivos, além

³⁰ Mestranda em Letras – Estudos Literários (UFJF) e graduada em Comunicação Social (UFJF). Contato: nara_demelo@hotmail.com.



de aspectos reflexivos e interpretativos mais elaborados (DUTRA, 2003), uma vez que não apenas apresentam a informação factual ao leitor, mas oferecem uma interpretação da realidade a partir da perspectiva individual do autor/personagem, o que aproxima as HQs de cunho jornalístico dos textos de jornalismo literário e de publicações no estilo de livros-reportagem.

Ainda assim, Dutra (2003), ao analisar a reportagem em quadrinhos, a defende como gênero específico, que não precisa obrigatoriamente apresentar todas as possibilidades, modelos e facetas do jornalismo, podendo respeitar suas próprias variações e amplitudes. Porém, para Sacco (2016), suas escolhas de representação, por exemplo, não diminuem as “obrigações-padrão” do jornalista – que fornecem valor jornalístico à obra, mas não incluem um mínimo ou limite para a subjetividade da sua narrativa. Isso impacta, inclusive, em como esses quadrinhos serão recebidos pelos leitores, como apontou Koçak (2014), ao entrevistar Guy Delisle e colocar em pauta o fato de que *Pyongyang* constava na seção de política do site da Amazon britânica – e não na seção de quadrinhos (ao que Delisle respondeu achar interessante, pois há quem analise a obra por se tratar de uma narrativa sobre a Coreia do Norte, algo incomum – nem sempre sendo um *review* de quadrinhos, por exemplo).

Sacco (2016) questiona também a “objetividade” imposta pelo jornalismo convencional, afirmando a impossibilidade de abdicação de pré-julgamentos de uma pessoa ao cobrir um fato, sendo basicamente impossível que o profissional grave tudo sempre em tábula rasa. No jornalismo literário, há maior liberdade do autor que, ao se inserir como narrador e personagem, consegue expor suas opiniões, numa relação de intimidade e verdade para com o leitor. Sob a ótica da análise literária, segundo Leite (1985), a autoridade do narrador clássico foi perdida com o passar do tempo, a partir de narrativas orais mais complexas, nas quais este começou a dividir seu espaço com outros narradores ou com o próprio fato, criando uma fusão entre narrador e personagem.

Há, então, diferenciação entre escritor e o narrador, segundo Reuter (2002). O escritor é real e está inserido no “não texto”, enquanto o narrador, na literatura, existe somente no texto. Ainda para a autora, o escritor goza de maior liberdade, pois está apto a usar personalidades e vozes para emitir a sua mensagem (REUTER, 2002). Essa conceituação vai de encontro ao que ocorre no quadrinho reportagem, no qual o escritor e o narrador confundem-se ou são, abertamente, a mesma pessoa – transformando-se, inclusive, no personagem, e até mesmo protagonista, podendo interpretar e avaliar os fatos e personagens.

Para Paim (2014), quando o autor se transforma em personagem nos quadrinhos, num movimento de transparecer e incorporar à narrativa processos como o de apuração e o de entrevista, ele se torna ponto fundamental da narrativa. Para Sacco (2016), a liberdade de colocar-se dentro das páginas obtendo, inclusive, voz ativa como personagem da história, valoriza e dá credibilidade à narrativa. Esse intercâmbio pessoal, também por modificar o aspecto da relação do narrador com os outros personagens do texto, é parte fundamental da proximidade que o jornalismo literário tenta criar com seus leitores (já que os personagens das narrativas jornalísticas são, por convenção, pessoas reais – o que gera sensação de



pertencimento) característica que, na maioria das vezes, é deixada de lado no jornalismo factual, que não aceita esse tipo de ligação entre escritor e suas fontes (SACCO, 2016).

Em 2003, ao lançar *Pyongyang*, no qual documenta e narra a sua vida no tempo que trabalhou na cidade homônima, Guy Delisle entregou um relato revelador e transparente sobre a Coreia do Norte, o que fez com que a obra ganhasse grande visibilidade. Além da dificuldade de se encontrar registros midiáticos do país em questão, o fato de o desenho ter sido o meio utilizado para a narrativa aumenta a responsabilidade de Delisle (2007), que escolheu colocar-se como personagem principal, além de narrador, ganhando presença no texto e, ao poder ter voz, falando diretamente com o leitor, mostrando pontos de vista e fatos, demonstrando imersão e conhecimento do tema.

Este trabalho busca, portanto, discutir de que maneira a história em quadrinhos de Guy Delisle se aproxima do jornalismo literário, visto que o artista se utiliza de uma série de procedimentos que se equivalem aos aspectos narrativos encontrados em obras do gênero, o que deixa clara a relação de influência dos métodos narrativos e de inserção do autor como personagem e narrador, que passa a existir dentro das páginas, mas existe, principalmente, fora da obra, assim como o seu leitor, gerando uma maior percepção de pertencimento e de verdade na narrativa, assim como no jornalismo literário.

Palavras-chave: Jornalismo em quadrinhos; Jornalismo literário; Narrador; Guy Delisle; *Pyongyang*.

Referências:

DELISLE, Guy. **Pyongyang**: uma viagem à Coreia do Norte. Tradução: Claudio R. Martini. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2007.

DUTRA, Antônio Aristides Corrêa. **Jornalismo em quadrinhos**: a linguagem quadrinística como suporte para reportagens na obra de Joe Sacco e outros autores. Dissertação de mestrado, Rio de Janeiro: UFRJ/ECO, 2003. 253 p.

KOÇAK, Kenan; DELISLE, Guy. Interview with Guy Delisle. **European Comic Art**, v. 7, n. 2, p. 90-114. jul./dez. 2014.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **O foco narrativo** (ou A polêmica em torno da ilusão). São Paulo: ática, 1985. Série Princípios.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Barueri: Malone, 2009.

PAIM, Augusto Machado. A personagem-fonte no Jornalismo em Quadrinhos: entre a ficção e a não-ficção. **Revista de Estudos Literários**, v. 1, p. 349-365, 2014.



REUTER, Yves. **Análise da narrativa: o texto, a ficção e a narração.** Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

SACCO, Joe. **Alguém aí pediu um manifesto?** In: SACCO, Joe. Reportagens. Tradução Érico Assis. São Paulo: Quadrinhos na Cia., 2016.